

# A L A G R I O A

QUINZENARIO ILLUSTRADO



ARTHUR ESMERIZ

E' natural de Braga.

São seus paes a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Augusta Alves Passos Esmeriz e o capitão do exercito José Maria Esmeriz.

Completando, ainda novo, o curso dos lyceus, em 1891, foi promovido a aspirante a official e admittido na Escola do Exercito, onde, devido ao seu temperamento bohemico, perdeu a tolerancia.

Mas ganhou, em compensação, a litteratura, porque de então para cá se lhe tem dedicado, fazendo-se poeta.

Que da hereditariedade já elle tem vantagens para poeta e jornalista, porque os teve na familia de grande valor.

E' mais poeta, porque a sua prosa não leva ganho diante do verso.

As cambiantes, as ondulações, as molidades da concepção e da esthesia, palpam-se nas suas produções.

Juntamente com o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. An-

tonio Ferraz, publicou no nosso collegio do "Commercio,, um valoroso folhetim intitulado "Os diffamadores de Barcellos,,.

Presentemente tem entre mãos, segundo nos informam, uma "Historia de Barcellos,, que será mais completa do que as publicadas ha annos.

Foi redactor da "Folha da Manhã,,.

A sua photogravura, que acompanha esta ligeira noticia e que se vê no seu livro de prosa e verso, prefaciado pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Rodrigo Velloso—"Rabiscos e Verbenas,,—publica-a, hoje, a "Lagrima,, em homenagem á sua intelligencia.

Para terminar estas notas simples, ahi vaé um soneto da sua lavra:

Demosthenes, ardendo em fogo de desejos  
Pelas graças do Laís, que a Fama apregoava,  
Deu as costas ao sol que lá de longe o olhava  
E de Athenas partiu em busca dos seus beijos.

Deixou na santa paz os grossos alfarrabios  
E, tomando um bordão, caminha noite e dia,  
Sem se lembrar que prezo a cortezá poria  
Ao jaspero do seu collo e ás rosas dos seus labios.

Chega a Corintho, e a grega e linda prostituta  
Dá-lhe a polida audioncia e quando, enfim, o escuta,  
Por seus encantos quer meio milhar d'escudos!

Rejeita o bom do sabio e cheio de alto ferro,  
Despeitado bradou voltando aos seus estudos:  
—Não comprarei tão cara a contrição d'um erro!

## NA BARCELLINENSE

Dizia-nos ha dias um bom velhote cá da terra que o officio de mandar nem sempre é dos melhores, e que muitas vezes é preferivel ser mandado do que mandar. Arregalamos muito os olhos ao ouvirmos tal theoria porque sempre nos quiz parecer que é melhor mandar do que ser mandado. A explicação, porém, que o bon velho nos deu convenceu-nos da verdade

da sua asserção, porque, diz elle, para mandar é preciso saber mandar, e para ser mandado, basta obedecer.

É precisamente este caso que ora se ventila na direcção da sympathica e florescente Associação de Barcelinhos. Todos querem mandar, e nenhum quer ser mandado porque não quer obedecer.

Por quem são, senhores, harmonisem-se, façam por se comprehender todos, mandem todos e obedeçam todos quando o bom nome da casa que dirigem assim o exigir, atirem para traz das costas com o «quero porque quero», têm todos razão e nenhuma a tem, empenhem-se pelas prosperidades da Associação, unica que soffre com taes banzós, e não a vossa vaidade, que deverá ser maior se os progressos da casa vol-a augmentarem!

### A MINHA COSTUREIRA

A's vezes, debruçado na janella, espreitando o phantastico arvoredado, vendo um vulto gentil digo em segredo nos reconditos d'alma: oh! será ella?

Essa virgem honesta como um lyrio, astro polar, saudosa calamita, rosto brando e suave que se fita inda mesmo nos transees do martyrio?

Então que amor o meu: todo o meu peito é o ancilar da lava d'um vulcão; sinto crebro pulsar o coração presa da força audaz que o tem sujeito!

É tu talvez attenta na costura, ou com medo que escape qualquer malha, esqueças quanto é forte e quanto valha esta paixão que sempre te procura!

Quem sabe mesmo (horror) se tens pensado, nas horas de vigilia infernal, atirares-me á face co'um rival, ao mundo dando mais um desgraçado?

Se não passo porém na tua rua, quem sabe o pontificio mysterio?... nem sempre o manto seu cobre sidério a rainha da noite, a meiga lua.

É tu todo o caso eu amo-te, bem como o branco cygne o lago crystalino, e mariposa o raio diamantino e a gotta d'orvalho o rubro pomo.

Mas volteemos atraz, pois é possivel que me troques por outro um bello dia e convertas a tua sympathia no odio mais vivaz, inexcédível.

Então eu, qual asceta da montanha que procura a caveira piedosa para encontrar na via dolorosa refrigerio algum a dôr tamanha,

irei, olhos no chão, com passo incerto, em noite sem luar, triste captivo, procurar o meu doce lenitivo no enlevo d'um *Tainal* que esteja aberto.

E o sangue que estava saturado das fezes corrosivas do amor pela acção passará do bom licôr ao circulo fatal já melhorado.

Porém isto é hypothese, desejo que jamais aconteça tal desgraça e, como o som do órgão que esvoaça, deslira o nosso amor còlico harpejo.

Barcellos.

Fabricio

### S. P. Q. R.

Como sabem são estas quatro letras designação de *Senatus populus que romanus*: que figuram nas procições de Passos, e que desde tempos tem tido varias significações chistosas, como Salada, Pão, Queijo e Rabanos—Senhor Padrinho Quero Rosa—Senhor Povo Quer Republica—Senhores Pobres Querem Regueifa, etc., mas superior a todas é a do Alberto Guimarães que, na tarde da nossa procição, leu: O Senhor dos Passos *qahiu* ao rio.

•••

Vá lá outra de procição de Passos. No tempo em que Fão tambem se dava o luxo d'esta procição, n'um dos annos, quando a Veronica na sua voz esgarçada cantava o *O vos hominis* e a plangencia da musica punha olhos de piedade nas caras fanguiciras começou a chover, mas a bom chover, a cautaros. A Veronica engole a voz, a musica mette a viola no sacco, as orações e os lamentos pelos martyrios do Crucificado transformaram-se em imprecações, cada um trata de fugir e de se abrigar, e os do andor, que tambem eram filhos de Deus, e que de mais tinham a seus hombros a imagem do Redemptor, recolheram-se a uma cocheira, poseram o andor sobre a mangedoura, e vieram para a porta gosar o espectáculo da chuva.

Entretanto o burro que lhe cheirou a palha

fresca, começou a comer as entranhas do Senhor dos Passos porque era d'ali que lhe vinha o saboroso cheiro.

O que é ser burro, meu Deus!

E qual seria o maior?

NOTAS DIVERSAS

O administrador da "Lagrima," falava d'umas plantas que veem á superficie da agua, nas lagôas, parecidas com folhas de begonias, verdes, com a parte inferior meio avermelhada. O Joaquim Severino:

— "Sim, são como aquellas folhas de "bigornias."

\* Vae um lavrador em cima d'uns tamancos, ferrados, por uma rua da villa, quando um progressista se lhe dirige pedindo-lhe o voto:

— "Você deve deitar no Bispo, que tantos serviços presta á Patria e honra tanto Barcellos, d'onde é natural."

A seguir depara-se-lhe um regenerador, que lhe falla n'estes termos:

— "Meu amigo: o Bispo é enorme perante Portugal, mas o sr. conselheiro José Novaes não o é menos perante o concelho; porisso como grato deve-lhe dar o voto."

Continua o homem a caminhada, quando um republicano, dando-lhe uma palmada nas costas, lhe expõe o seguinte:

— "Cidadão: não debes ir á urna, só se queres contribuir com o teu vot para que os da grei monarchica te tirem a camisa."

Afinal, o homem, desanimado, votou por meia duzia de corôas que lhe metteram na mão...

\* Dizia ha semanas, o tenente Leote diante de camaradas superiores em patente, para um galucho que sahia de baixo de forma do quartel:

— "O' bruto. . . ."

Ha individualidades que se salientam muito por phrases. Haja vista o Vesjasião, imperador romano, dizendo: — "E' preciso que um imperador

morra de pé," e tambem não lhe fica atraz Luiz XVIII quando exclama:

— "Um rei de França morre, mas não deve estar doente."

\* Está provado á luz da razão que vencem os dois candidato: catholicos, ahí para tres de maio.

\* Já ha um mez que se não publicou a "Lagrima," de que é responsavel o sr. João Gonçalves da Silva e que é impressa na typographia Barcelense, sita na rua Barjona de Freitas, junto ao Café Mattos.

\* Por occasião da festa de Cruzes, os politicos da terra offerecem, gratuitamente, as muzica: para se fazerem ouvir nas ruas. Pelos progressistas levanta os vivas do estylo, o Joaquim da Cunha; pelos regeneradores, o João Machado.

\* — " . . . Quem foi que t'o disse?"

— "O José Mathias."

— "Hum! . . . Ao que elle diz com todo o accento, deve se-lhe descontar cincoenta por cento."

\* Está-se desconfiando que o Compra levou para a sepultura, entre corpo e camisolla, o testamento, que se procurou em vão.

\* N'esta redacção vae-se abrir uma agencia de votos no dia de amanhã. Aos senhores politicos!!!

Pergunta-se: zo individuo que dá sorte, qu n-do e apertam, é bruto ou ignorante, ou simultaneamente as duas cousas?

Recebem-se respostas para o proximo numero da «Lagrima».

Os melhores duelos em modernismo são a formão, esse instrumento que serve em carpinteria para tirar fitas.

E qualquer zarolho o maneja.

Se a natureza humana fosse cousa que podesse receber qualquer concerto, assim como se deita uma tomba n'um sapato ou uns fundilhos n'umas calças, pediríamos que aos ho-

mens fosse dada a vista de gato, isto é, ver de noite. Para não fallar de todas as razões attendíveis para provar a nossa petição, basta lembrar a grande economia municipal com a iluminação publica.

Que isto é o menos para os grandes beneficios que gosariam os que estão de portas a dentro quando, n'um momento de nervosismo, abraçam a «sopeira» que fica estarrecida de candeia na mão, esperando os acontecimentos.

Ora tendo nós a faculdade de gato já a sopeira não precisava de luz, evitando assim que os passos de alguém venham interromper o colloquio e obriguem o S. a dizer em voz baixa e compromettedora:

—Apaga essa luz!

«E que sorte que elle dá!!!  
Dizendo lhe—Apaga a luz!  
Pois o seu desejo n'este caso,  
Ninguem diga *chus* nem *bus*!

#### NOTAS DO MEZ

Até parece que os órgãos da igreja e os amigos de fundo das folhas politicas, ainda ha pouco entoantes do *De profundis*, já cantam—*victoria!*

Os prégadores, de meias pretas ou vermelhas, na penultima semana subindo aos pulpitos a espargir *pitadas* de latim e de rapé sobre a memoria do Grande Morto, oram hoje, affanosamente gloriosos, nos recantos d'aldeia, á luz do sol, junto das amexioiras de esgana-cão, e, de noite, nas quebradas do monte, proximo de rebos collossaes sobre—*victoria!*

O Eduardo Ramos, gravido de progressismo, o João Joaquim Fernandes, cheio de regeneração gritam, consciões,—*victoria!*

O Manuel da Graça, assentado no «Commércio», activo, como hontem na «Gazeta» em aver-salhados artigos aos Regeneradores, canta hoje, prematuramente, aos seus progressistas—*victoria!*

(Que aqui é preciso abrir uma clareira—o nosso amigo é *imparcial* em qualquer partido).

Das aldeias para a villa pelas angostas arborizadas, e da villa para as aldeias pelas arborizadas angostas, chega, precocemente, esta palavra, forte como uma sentença—*victoria!*

No Mattos, por entre exhalações de café e canna; no Estares, onde chega activo cheiro a vinho destillado; no Rainos, entre ladainhas e psalmos, advinha-se—*victoria!*

O nosso collega de redacção abbade Paes, em Roriz, facecioso; o Ayres de Sá, em Viatodos, grave, antecipadamente proclamam—*victoria!*

Até o illustre prelado do Moçambique na sua ignorada Remelhe, e o insigne conselheir

José Novaes, no baluarte da liberdade, com os mappas de guerra sobre as bancas de trabalho, esperam—*victoria!*

¿Que seria o mundo sem esperança?

O brouco cabo de esquadra dosanimaria de vencer a rude moçoila, pelo amôr, senão fosse a esperança.

A esperança atravez dos cerebros de Palyssé, de Colombo, de Pasteur, moen to-os para a *victoria*...

A *victoria* é o objectivo, embora a morte seja a realidade!

Que de realidades está a gente farta, como um galucho depois d'un rancho de arroz e feijão carrapato, vende a Africa nas mãos dos inglezes, e o nosso paiz estrangeirado.

Beu fez o Compra partir para o outro lado da vida, encasacado, *chic* com) nunca se viu, legando-nos, com uma fortuna d'algumas duzias de contos, a sua vida, exemplar de economia, com *menu* diario de sardinhas com pão e pão com sardinhas, regadas com a classica agua-pé que fazia do bagaço de dezenas e dezenas de pipas de vinho que colhia.

Que a terra lhe seja pesada como o remorso de não deixar ligado o seu nomea institutos de caridade.

Emquanto estes casos, de *victoria* e realidades tristes, vão combustionando a supposta patria de Gil Vicente, o Joaquim Martins, com razão cognominado o «Hylario Barcelense», vai-nos dando um sabio exemplo de philosopho, sem livros, mas com guitarra.

Todos correm o seu fado, e ao passo que uns cantam

«O meu fado é ser alegre até que morra,  
e uma vez que não falte a petisqueira,  
entendo que a tristeza é uma asneira,

outros dizem que o seu fado, a sua signa, é serem tristes, embora o seu estoungo esteja impante a provocar indigestão.

E assim o comprehende o trabalhador emerito Rocha Peixoto dizendo:

... «E' o acaso que faz de nós ricos ou pobres; é a nossa sina a felicidade ou a desventura no amôr; é da sorte a fartura ou a miséria,—a saúde ou a molestia,—a virtude ou crime; é sempre o fado dominando tudo, desde o Senhor D. Miguel que o batia, até o povo a gemer-o.»

E' assim que o Hylario nosso, o querido das donzellas barcellenses, o mystico, nos dá com uma prolução muzical, caracteristica do nosso paiz, intitulada—«Sinho no Cavado»—um exemplo ben frisante de philosophia—a de se viver agarrado á guitarra, cantando o fado, desprezado das cousas terrenas e correndo o seu fado.

Toea a cantar que a vida é certa e a hora incerta...